

## Ensino e Geografia

# Formação acadêmica e cidadã: práticas pedagógicas e relatos de experiência em ensino superior na Escola de Arquitetura da UFMG

Academic and civic training: pedagogical practices and reports of experience in higher education at the School of Architecture of the Federal University of Minas Gerais

Formación académica y ciudadana: prácticas pedagógicas y relatos de experiencia en educación superior en la Escuela de Arquitectura de la Universidad Federal de Minas Gerais

Helena Szabo Góes Corrêa<sup>1</sup> , Juliana Luquez<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

## RESUMO

O trabalho apresenta algumas reflexões acerca das práticas pedagógicas na formação acadêmica e cidadã no ensino superior. O texto reúne relatos de experiência de uma docente do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura e uma estudante do curso de Turismo do Instituto de Geociências, ambas vinculadas a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que desenvolvem um projeto institucional sobre racialidade e espaço. O projeto propõe atividades pedagógicas e ações acadêmicas nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão, sendo aqui discutido como estas foram estruturadas para fomentar na formação de estudantes de ensino superior o evento racial para a compreensão da produção do espaço e na estruturação das cidades brasileiras, com especial foco para Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil) a partir do acervo do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu).

**Palavras-chave:** Ensino superior; Relatos de experiência; Racialidade; Evento racial; Museu de Quilombos e Favelas (Muquifu)

## ABSTRACT

The work presents some reflections on pedagogical practices in academic and citizenship training in higher education. The text brings together experience reports from a professor from the Department of Urban Planning at the School of Architecture and a student from the Tourism course at the Institute

of Geosciences, both linked to the Federal University of Minas Gerais (UFMG), who developed an institutional project on raciality and space. The project proposes pedagogical activities and academic actions in the fields of teaching, research, and extension, discussing here how these were structured to encourage the racial event in the training of higher education students to understand the production of space and the structuring of Brazilian cities, with a special focus on Belo Horizonte (Minas Gerais, Brazil) from the collection of the Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu).

**Keywords:** Higher education; Experience reports; Raciality; Racial event; Muquifu

## RESUMEN

El trabajo presenta algunas reflexiones sobre las prácticas pedagógicas en la formación académica y ciudadana en la educación superior. El texto reúne relatos de experiencia de un profesor del Departamento de Urbanismo de la Facultad de Arquitectura y de un estudiante de la carrera de Turismo del Instituto de Geociencias, ambos vinculados a la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG), que desarrollan un modelo institucional Proyecto sobre racialidad y espacio. El proyecto propone actividades pedagógicas y acciones académicas en los campos de la enseñanza, la investigación y la extensión, discutiendo aquí cómo se estructuraron para incentivar el acontecimiento racial en la formación de estudiantes de educación superior para comprender la producción del espacio y la estructuración de las ciudades brasileñas. con especial atención a Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil) de la colección del Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu).

**Palabras-clave:** Enseñanza superior; Informes de experiencia; Racialidad; Evento racial; Muquifu

## 1 EXPRESSÕES ESPACIAIS DAS RELAÇÕES RACIAIS: APROXIMAÇÕES DA GEOGRAFIA URBANA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA E CIDADÃ NO ENSINO SUPERIOR

Em pouco mais de 10 anos da Lei de Cotas (12.711/2012) reconhecemos que as ações afirmativas desestabilizaram a academia com pautas antirracistas, escancarando o pacto da branquitude (Bento, 2022) na intelectualidade e na organização do ensino superior nas instituições universitárias e propondo a pluralidade teórico-metodológica na produção do conhecimento científico. No campo das ciências humanas e sociais a leitura e a compressão do espaço social ganharam argumentos e demonstrações que asseveram as desigualdades na constituição da sociedade brasileira a partir do evento racial (Leandro, 2019). Assim, criaram-se as condições para um novo paradigma nos estudos urbanos. Fato é que o debate da racialização do espaço urbano ainda não está posto à exaustão. O pensamento sobre a cidade e o fenômeno urbano deixou

passar abordagens muito contundentes à compreensão das expressões espaciais das relações raciais (Santos, 2018), algo que vem sendo recuperado e aprofundado por uma nova geração de pesquisadores que veem sua produção acadêmica como um manifesto político de sua existência.

Em 2022, o projeto *Expressões Espaciais das Relações Raciais*, homônimo e inspirado em um trabalho publicado pelo geógrafo Renato Emerson dos Santos (2018), foi contemplado em edital lançado pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (Fundep/UFMG). O projeto pretendeu desenvolver atividades pedagógicas e ações acadêmicas nos campos de ensino, pesquisa e extensão com vista a expor a dimensão espacial do racismo e das lutas antirracistas no contexto brasileiro.

Os procedimentos metodológicos aplicados na execução do projeto de natureza descritiva, exploratória e explicativa, são: revisão bibliográfica, levantamento de dados primários e secundários, sistematização de discussão, elaboração cartográfica, trabalhos de campo, produção de relatórios e divulgação dos resultados.

No eixo Ensino, a acomodação da discussão teórica e o reconhecimento da pluralidade metodológica permitiram a identificação das referências basilares para a curricularização do tema a partir de categorias geográficas, com ênfase no campo da geografia urbana. Um curso intitulado *Tópicos em estudos sociais - Expressões espaciais das relações raciais* foi organizado e ofertado pelo departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura em três edições (2022.2, 2023.1 e 2023.2). A ementa propunha a ampliação do debate institucional acerca da racialização do espaço, assumindo os aspectos teóricos que subsidiam a formação de estudantes de ensino superior. Cada uma das três edições do curso será melhor apresentada na segunda seção deste trabalho com ênfase na experiência docente e a última edição retomada na terceira seção com ênfase na experiência discente. Foi montado um acervo temático com livros e artigos sobre racialidade do espaço e da cidade com o objetivo de marcar uma posição contundente quanto a acomodação da discussão no departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura, estando disponíveis para consulta aos interessados no tema.

No eixo Pesquisa, o projeto conta com uma bolsa no Programa de Iniciação Científica (IC), ao qual está vinculada a estudante do curso de Turismo do Instituto de Geociências. No programa de IC tem-se investigado como a turistificação da cidade e os já conhecidos efeitos da democracia racial<sup>1</sup>, ainda estão dissolvidos não só nas ações de planejamento e gestão urbanos, como nas atividades de consumo da cidade pela atividade turística. Nesse sentido, Belo Horizonte, conhecida e divulgada como “capital dos bares”, apresenta circuitos de entretenimento, especialmente nas regionais Centro-Sul e Pampulha, como lugares “de convívio democrático e genuinamente uma expressão da mineiridade”, assim como também revelam periferizações, espoliações e segregações, marcadamente elementares da urbanização brasileira. A hipótese que se apresenta é que a turistificação de Belo Horizonte tem forte apelo à normatização do espaço urbano e à conservação de uma ordem social racializada, e não um fenômeno urbano com características emancipatórias.

No eixo Extensão, em parceria com o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu), realizou-se a *Oficina de Impressões e Discussões* a partir do acervo museológico que, dentre outras experiências, permite uma leitura de Belo Horizonte jamais capturada pelos contornos e traços da tecnicidade. O Muquifu nos fornece elementos para uma leitura do espaço nas chaves sugeridas por Renato Emerson dos Santos (2018): temporárias, duradouras ou perenes, mas sempre grafadas espacialmente a partir das relações sociais de racialização. No Muquifu as atividades compreendem três etapas complementares, sugeridas pela coordenação do museu: Etapa 1 - Painéis e murais de arte de rua na Vila Estrela (Aglomerado Santa Lúcia, complexo de vilas e favelas de Belo Horizonte onde está localizado o museu). Etapa 2 - Afresco da Paróquia Nossa Senhora do Morro (instituição que abriga o museu, na qual as pinturas que

---

<sup>1</sup> Tomando como referência os trabalhos de Fernandes (1964); Munanga (1999); Guimarães (2019) e Schwarcz (2024). A noção de democracia racial antes de ser apontada como mito, foi uma iniciativa intelectual, diplomática e disputada por várias frentes políticas (quer institucionais, quer de movimentos sociais anticolonialistas e antirracistas), até os anos 1960. Segundo Guimarães (2019), no âmbito da “política doméstica dos anos 1960 e 1970, a democracia racial foi extensivamente usada para invisibilizar as desigualdades raciais brasileiras e o nosso racismo mais institucional e estrutural” (p. 41). Quando, enfim, o sentido se torna “trânsito, mescla, intimidade e convivência entre raças, tendo nessa acepção o nome de democracia social em [Gilberto] Freyre, que [Arthur] Ramos alterou para democracia racial” (p. 43), é que há uma posição contundente para desmascarar o mito: em uma sociedade política, como a brasileira, a mobilidade social e a igualdade de oportunidades de vida para todas as raças não se realizaram para além das exceções.

contam as sete dores e as sete alegrias de mulheres faveladas se confundem com a história da cidade, do morro e da paróquia). Etapa 3 - Doméstica: da escravidão à extinção - quarto de empregada e presente de patroa (escolhida como a exposição permanente de maior apoio pedagógico para o debate racial na formação cidadã de estudantes da Escola de Arquitetura da UFMG).

A terceira seção deste trabalho apresenta o relato de experiência discente no desenvolvimento e organização das atividades de pesquisa e extensão, com especial ênfase para a ação *Ocupamos*, uma iniciativa que coloca o tema da racialidade, suas referências teóricas clássicas e contemporâneas no debate sobre a produção do espaço e a estruturação das cidades brasileiras.

## **2 RELATOS DE EXPERIÊNCIA DOCENTE: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA UMA FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO SUPERIOR**

Aliás, o ensino – mais do que a pesquisa, a extensão e a produção científica – constituiu a verdadeira tarefa coletiva do trabalho universitário; e, por essa razão, a mais dependente do diálogo e da mútua compreensão. (Ribeiro, 2002).

Lembro-me de estar iniciando minha carreira no magistério da educação básica quando promulgada a Lei 10.639/2003, que incluiu no currículo da rede de ensino a obrigatoriedade das temáticas de História e Cultura Afro-Brasileira e, cinco anos mais tarde, a Lei 11.645/2008, incluindo a obrigatoriedade das temáticas de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. De lá para cá, eu mudei de nível na minha carreira docente, passei a lecionar no ensino superior; acompanhei, como estudante de pós-graduação, a implementação da Lei de Cotas (12.711/2012) e como professora venho refletindo sobre seu alcance e impacto nos processos de ensino e produção do conhecimento com ênfase nos estudos urbanos. A Lei de Cotas é um instrumento político para a justiça social. Ela sacudiu a intelectualidade, pautou debates, refutou e consagrou teses, militou pela permanência, respondeu com resultados positivos aos incrédulos sobre sua aplicação, além de outros aspectos que a recolocaram no

debate público, considerando a necessidade de atualização e revisão de sua vigência passados dez anos de implementação do sistema.

Proponho nesta seção relatar minha experiência docente a frente do curso Tópicos em estudos sociais: expressões espaciais das relações raciais, ofertado pelo Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, com o objetivo de curricularizar a temática antirracista na formação de estudantes de ensino superior, tendo como pressupostos as categorias e métodos de análise da geografia urbana - área do conhecimento geográfico que pertence ao campo da geografia humana, ao qual venho dedicando minha formação acadêmica e atuação profissional.

## **2.1 Primeira edição do curso Tópicos em Estudos Sociais - Expressões espaciais das relações raciais: leituras da cidade**

A primeira edição do curso foi ofertada no segundo semestre de 2022 com a seguinte sequência didática: 1) 10 anos de cotas e a branquitude do saber: um novo paradigma nos estudos urbanos? > 2) A cidade do pensamento único e o pensamento único sobre a cidade > 3) Do mito da democracia racial à luta por cidades antirracistas > 4) Laboratório de impressões e discussões. O percurso didático foi proposto para que os estudantes pudessem discutir evento racial, espaço, sociedade e urbanização.

Primeiramente, foi proposto um exame das referências bibliográficas obrigatórias e complementares do curso, ao que os estudantes imediatamente reagiram a mudança no grupo étnico-racial dos próprios autores. Com a discussão dos trabalhos houve o reconhecimento do avanço metodológico na análise espacial a partir de teorias já consagradas no campo dos estudos urbanos: a produção do espaço e o direito à cidade; a reprodução das relações sociais de produção e o cotidiano; as lutas urbanas e a permanência das desigualdades, por exemplo, passaram a ter o evento racial como marcador indispensável para a compreensão de processos inerentes a urbanização brasileira: periferização, espoliação e segregação.

Para que essa discussão alcançasse uma experiência mais engajada, foi também proposto um exercício de comparação dos temas da bibliografia de referência do curso e os conteúdos de músicas de artistas brasileiros que pautaram o debate racial em suas composições e interpretações a partir dos anos 1980, período em que a questão urbana extravasou para as ruas com o fim da ditadura militar e as mobilizações sociais em prol da Constituinte, retomando os temas da Reforma Urbana constrangidos desde os anos 1960. Montou-se uma playlist e construiu-se as cenas urbanas a partir da compreensão do evento racial na produção do espaço (Figura 1).

Figura 1 – Músicas sobre cena urbana brasileira e a racialidade



Fonte: autoras (2022)

Aproveitando o deslocamento do tema para o campo da arte e da cultura, , sugeri a discussão do prefácio escrito pelo *rapper* Emicida para o livro *São Paulo: o planejamento da desigualdade* (2022), de Raquel Rolnik. O artista nos brinda com toda a sua poesia crítica enquanto dialoga com Karl Marx, Milton Santos, Clóvis Moura e as memórias de seu padrasto sobre a arquitetura ser “uma grande frescura”:

Mesmo sem fazer ideia do que arquitetura significava. Para ele era “o luxo de pagar um almofadinha para dizer a cor das suas paredes”, e num autoelogio contante ele repetia um pensamento do qual todos ali partilhavam: planejar, estudar, organizar, projetar o local onde se vai morar, para nós, não passava de uma grande frescura, um mimo, algo

com o qual não se sonhava, por que quem sonha é gente e a cidade na qual vivíamos já havia nos convencido de que éramos só engrenagens. (Emicida, 2022, p. 14).

O último percurso da sequência didática proposta para essa edição do curso previu duas etapas. A primeira etapa consistiu na discussão de dois capítulos do clássico *O genocídio do negro brasileiro* (2016), de Abdias do Nascimento, *Escravidão: o mito do senhor benevolente* e *O branqueamento da raça: uma estratégia de genocídio*. A segunda etapa foi a *Oficina de Impressões e Discussões* realizada no Muquifu. A aula foi agendada para ser ministrada no museu e lá rediscutidos os capítulos do livro enquanto era apresentado o acervo aos estudantes.

## **2.2 Segunda edição do curso Tópicos em Estudos Sociais - Expressões espaciais das relações raciais: do quilombo à favela**

A segunda edição do curso foi ofertada no primeiro semestre de 2023 com a seguinte sequência didática: 1) O quilombo e a expansão urbana > 2) Do quilombo à favela > 3) Produção do espaço urbano e tríade para sua compreensão: periferação, espoliação e segregação | Parte I > 4) Produção do espaço urbano e tríade para sua compreensão: periferação, espoliação e segregação | Parte II. Para essa edição havia separado o livro *Do quilombo à favela* (2005), de Andreilino Campos, para ser minuciosamente discutido e analisado na atual conjuntura do debate racial no campo dos estudos urbanos, quase duas décadas desde a publicação da obra. Enquanto construía o programa do curso reencontrei-me com uma música do Jorge Ben Jor e uma estrofe não parava de se repetir na minha mente: “eu quero ver / quando Zumbi chegar / o que vai acontecer” (1974).

As primeiras discussões do livro já posicionaram os seguintes conteúdos: a forma urbana da racialidade; o planejamento urbano e as ideologias; política urbana e racismo ambiental; Estado genocida, higienista e eugenista. Uma vez tensionada a discussão, eis que um dos estudantes faz o seguinte comentário: “nunca entendi como a população negra conseguiu ser tão passiva a tudo isso!”. O



constrangimento foi notório. Os demais estudantes parecem ter se surpreendido com o comentário, mas não o repudiaram – talvez por já terem flertado com essa frase em seus pensamentos. Lembrei da música de Jorge Ben, nada passivo em sua certeza de que Zumbi chegará para reclamar justiça. Então, mediei uma tentativa de desconstruir a ideia de passividade e apresentar outros caminhos de indignação para essa turma, assim como sugere Sueli Carneiro (2016)<sup>2</sup>. Propus duas tríades de análise do evento racial no processo de urbanização brasileira: dominação, exploração e exclusão, para pensarmos o racismo; e, civilidade, modernidade e branquitude, para pensarmos os fundamentos do Brasil urbano a partir do século XX. Para juntarmos as duas tríades foi necessário compreender o pacto racial ou o mito da democracia racial (Munanga, 1999). Esse, provavelmente, era um elemento do qual o estudante não dispunha na sua formação acadêmica para a leitura do espaço social e essa lacuna o fazia pensar em termos muito simplórios acerca da realidade urbana que ele apreendia.

Também foi proposto a essa turma um exercício de leitura de imagem (Figura 2). A obra escolhida foi a pintura de Modesto Brocos, o conhecido quadro *Redenção de Cã* (1985). Direcionei os estudantes a observarem as mudanças no calçamento da imagem conforme os personagens se posicionavam na cena. O chão nos serviu como analogia ao processo de urbanização, a partir da qual foi possível trabalhar os conteúdos: propriedade privada; terra nua e terra urbanizada; mercantilização e ocupações urbanas, tendo o evento racial como marcador estruturante da produção do espaço urbano brasileiro (Santos, 2022).

O exercício foi um importante recurso didático, especialmente para que os estudantes construíssem a compreensão do evento racial no processo de produção do espaço, das lutas sociais urbanas e do papel do Estado como mediador dos interesses dos agentes sociais. Essa compreensão nos colocou diante das contradições do desenvolvimento urbano de Belo Horizonte. Apresentada como metrópole planejada e exemplo de governança no quadro da institucionalização da urbanização brasileira,

---

<sup>2</sup> Em entrevista à Revista Margem Esquerda, transcrita no número 27 do periódico editado e divulgado pela Boitempo, em 2016.

a história da evolução urbana de Belo Horizonte prescindiu de contar os detalhes que tornaram o Largo do Rosário, logradouro do ainda arraial Curral del Rey, situado na atual esquina da Rua dos Timbiras com a Rua da Bahia, na Região Centro-Sul da capital mineira, em uma importante disputa pela memória da população negra no espaço urbano. O Muquifu esteve à frente de várias iniciativas que tornaram possível o registro da localidade como Patrimônio Cultural e Imaterial de Belo Horizonte, pelo Conselho do Patrimônio, órgão da Prefeitura, em 2022. Conhecer e integrar o acervo e as ações do Muquifu às práticas pedagógicas na Escola de Arquitetura me permitiu apresentar aos estudantes uma leitura da cidade para além dos planos e projetos urbanos reconhecidos pela sua tecnicidade e questionados por esse mesmo motivo.

Figura 2 – Leitura de imagem: expressões espaciais das relações raciais



Fonte: adaptação das autoras (2023)

Disponível em: [https://artsandculture.google.com/asset/redemption-of-can/\\_gH\\_m-s\\_zK3Wzg?hl=p-t-BR&ms=%7B%22x%22%3A0.5%2C%22y%22%3A0.5%2C%22z%22%3A8.310011174321%2C%22size%22%3A%7B%22width%22%3A3.4516811310031206%2C%22height%22%3A1.237505400140503%7D%7D](https://artsandculture.google.com/asset/redemption-of-can/_gH_m-s_zK3Wzg?hl=p-t-BR&ms=%7B%22x%22%3A0.5%2C%22y%22%3A0.5%2C%22z%22%3A8.310011174321%2C%22size%22%3A%7B%22width%22%3A3.4516811310031206%2C%22height%22%3A1.237505400140503%7D%7D). Acesso em: mar/2024

### 2.3 Terceira edição do curso Tópicos em Estudos Sociais - Expressões espaciais das relações raciais: racismo, violência e cidade

A terceira edição do curso foi ofertada no segundo semestre de 2023 com a

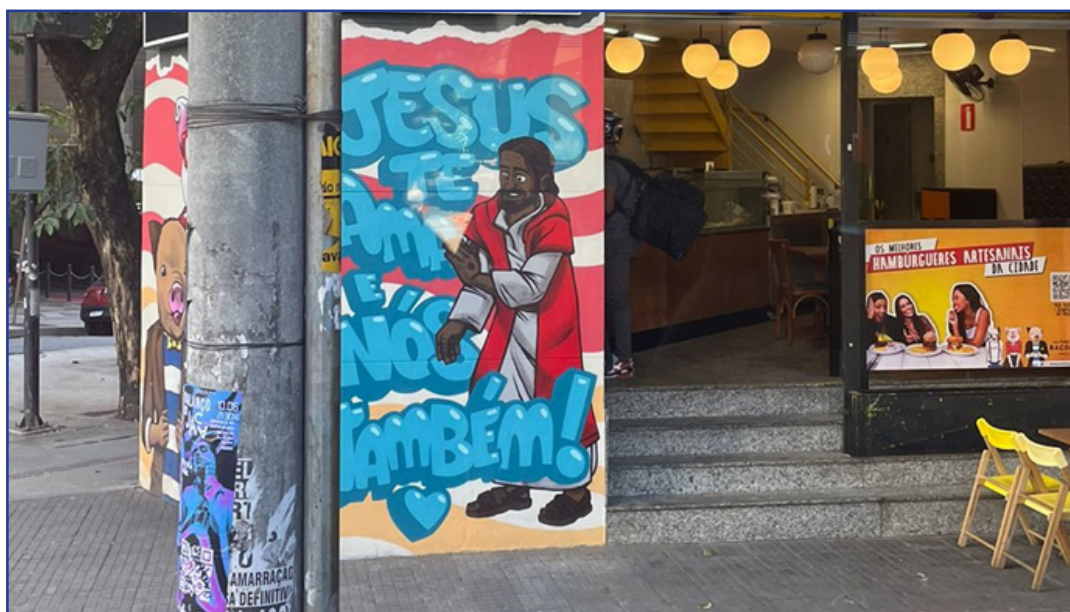
seguinte sequência didática: 1) Introdução ao tema > 2) Racismo > 3) Violência > 4) Cidade. No programa do curso propus o retorno ao trabalho de Renato Emerson dos Santos (2018), que continha as premissas a partir das quais o projeto havia sido construído: a leitura do espaço social racializado. Planejei três eixos de discussão: o eixo racismo, o eixo violência e o eixo cidade.

No primeiro eixo, propus um texto do Milton Santos (1996), intitulado *As cidadanias mutiladas*. Com um tom sutil e alguns pontos polêmicos, o autor nos permitiu pensar o racismo como uma lente de compreensão da estrutura social e da organização do espaço urbano.

A segunda lente estava no eixo violência, discutido a partir da sociologia da criminalidade de Michael Misse (1995), no texto *Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil*. A discussão permitiu aos estudantes se aproximarem do tema da segurança pública para além dos dados sobre criminalidade, mas o compreenderem como campo de estudos na geografia urbana e no planejamento urbano. Nesse eixo acionamos as categorias corpo e espaço para pensarmos as teses rebatidas pelo sociólogo Misse. Propus uma tríade análoga para chegarmos à discussão do efeito da militarização do espaço como forma de governo dos corpos: fobópole, carcerópolis, necrópole. Não nos faltou exemplo da vida cotidiana e de fatos divulgados pelas mídias para ilustrar as analogias.

No eixo cidade estava proposta a terceira lente. Este eixo, sem dúvida, foi o mais profícuo da edição à discussão do evento racial na produção do espaço. A essa altura eu já tinha levado os estudantes em um museu que situado nas dependências de uma paróquia, já tinha utilizado Exu como recurso didático para compreender o urbano (na verdade, usei o samba-enredo do Acadêmicos do Grande Rio, campeão do Carnaval 2022, intitulado *Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu*), por que não recorrer a fé evangélica? Encontrei no trabalho de Juliano Spyer (2020), *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*, a mediação para reconhecer as expressões espaciais das relações raciais a partir das práticas religiosas, urbanas e antirracistas (Figura 3).

Figura 3 – Expressões espaciais das relações raciais: arte urbana na Avenida Getúlio Vargas, esquina com Rua Sergipe, região Centro-Sul de Belo Horizonte



Fonte: autoras (2023)

O capítulo mais estimulante de discussão foi *A religião mais preta do Brasil*, por trazer dados que afirmam a intensa participação da população negra nas práticas evangélicas e na mobilização de novas agendas urbanas e políticas. A década dos evangélicos, como vem sendo chamado o período que revela um aumento no incremento da população brasileira ao grupo religioso, também vem disputando identidades, ideologias e práticas espaciais notadamente racializadas. O cristianismo evangélico, como fenômeno de massa, não passa despercebido aos olhos dos interessados nos temas urbanos, em especial, nas formas e nos conteúdos das periferias – conceito indispensável ao léxico da geografia urbana.

### **3 RELATOS DE EXPERIÊNCIA DISCENTE: OS PILARES UNIVERSITÁRIOS E A FORMAÇÃO CIDADÃ COMO ENGAJAMENTO POLÍTICO NO ENSINO SUPERIOR**

Como estudante de Turismo da UFMG fui indicada como bolsista no projeto *Expressões Espaciais das Relações Raciais* e vinculada ao programa de Iniciação

Científica. Iniciei uma imersão no acervo do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu) e passei a frequentar as dependências da Escola de Arquitetura, desempenhando um papel ativo em atividades de ensino, pesquisa e extensão, que incluíram: 1. imersão em campo através do Muquifu; 2. participação na montagem e monitoramento da iniciativa *Ocupamos*, com foco na divulgação da pesquisa sobre turistificação e no questionamento do mito da democracia racial em Belo Horizonte; 3. participação como estudante na terceira edição da disciplina *Tópicos em Estudos Sociais - Expressões Espaciais das Relações Raciais*, cursada no segundo semestre de 2023; 4. colaboradora em oficina temática em eventos institucionais; 5. autoria de monografia de conclusão de curso de graduação.

Sobre o estudo temático, a fim de organizar e sistematizar as teorias clássicas e atuais na discussão do evento racial na produção do espaço, elaborei um quadro com todos os autores que subsidiaram o quadro de referência do projeto, conforme apresento abaixo (Quadro 1).

Quadro 1 – Algumas das referências para a discussão da dimensão espacial do evento racial

Continua...

AUTOR (A)	OBRA	DISCUSSÃO
Adrelino Campos	Do quilombo à favela: a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro	O autor relaciona os quilombos e favelas, sendo ambas estruturas espaciais estigmatizadas por grupos “dominantes” que pelo uso da colonização, força e violência, determinaram o “lugar do negro”. “O quilombo, como espaços de resistência à ordem imperial, tem alguns pontos em comum com as atuais favelas brasileiras, sobretudo aquelas localizadas nas grandes cidades. Ambas as estruturas espaciais foram e são estigmatizadas ao longo da história socioespacial da cidade” (p. 31)
Renato Emerson dos Santos	Expressões espaciais das relações raciais: algumas notas	O autor mostra que as relações raciais são grafadas no espaço. Ele coloca o racismo como “estruturante na sociedade brasileira como uma dimensão do capitalismo” e traz “uma leitura decolonial das relações raciais, o que implica pensar o racismo como um sistema de dominação inerente ao modo de produção capitalista” (p. 13).

## Quadro I – Algumas das referências para a discussão da dimensão espacial do evento racial

Continua...

Samuel Oliveira	As “favelas”, uma invenção cultural e política: uma análise comparada da representação da pobreza urbana no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte (1897-1920)	O artigo busca comparar a representação social das favelas do Rio e de BH. A “escala de comparação” seria essa representação social, mesmo que o autor considere Belo Horizonte e Rio de Janeiro como “cidades com morfologia urbana e social distintas” (p. 125). A construção cultural e política das favelas, analisando a representação da pobreza urbana no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte entre 1897 e 1920. O autor argumenta que as favelas não são apenas espaços físicos, mas também espaços simbólicos de marginalização e estigmatização, influenciados por fatores sociais, econômicos e políticos.
	A Comissão de Desfavelamento e as representações da pobreza em Belo Horizonte na década de 1950.	A Comissão do Desfavelamento em Belo Horizonte foi um órgão cujo objetivo principal era lidar com a remoção de favelas e a realocação de seus habitantes para áreas consideradas mais “adequadas” pela administração municipal. Com o propósito de “readequação do espaço urbano”, o autor expõe como essa comissão surge para solucionar a favela (como um problema) e para formular uma política de habitação e assistência social
Josemeire Alves	A eloquência dos silêncios: racismo e produção de esquecimento sobre a população negra em narrativas de memória das cidades	O texto parte da ideia do “Racismo como elemento fundante das relações de poder que configuram a sociedade brasileira.” e, a partir disso, o artigo foca na produção do apagamento e esquecimento da população preta de Belo Horizonte, e mostra parte dos mecanismos de apagamento. “Silêncio, negligência ou representação estereotipada de sujeitos negros/os e suas agências nas narrativas de história e memória de sociedades estabelecidas a partir de relações sociais racializadas são mais que expressão, elementos que compõem os mecanismos de reprodução e institucionalização do racismo.
Milton Santos	Cidadania Mutilada	O que Milton Santos chama de cidadania mutilada é justamente a exclusão e segregação das pessoas negras na cidade. Ele usa essa expressão porque o ser cidadão para ele compreende os indivíduos capazes de entender o mundo, a sua situação no mundo e o que poderiam ser seus direitos. E é por isso que no Brasil quase não há cidadãos. E isso acontece porque “O modelo cívico brasileiro é herdado da escravidão”.
Luiz Antônio Simas	O corpo encantado das ruas.	Simas desenvolve a ideia das culturas encantadas da rua com perspectivas ontológicas, epistemológicas, fundamentadas na ideia de que o contrário da vida não é a morte, é o desencanto, e o contrário da morte não é a vida, é o encantamento. As culturas encantadas não acreditam na oposição entre a vida e a morte. São culturas que ultrapassam essa materialidade do concreto e elaboram dimensões diferentes para lidar com o fenômeno da existência. É um livro que constata os ataques que a sociabilidade de rua vem sofrendo, porque a cidade vem sendo pensada cada vez mais como um espaço construído a partir da lógica de circulação de mercadoria e não como um espaço de encontros. Para ele, a sociabilidade e o espiritual estão em confluência, uma vez que se parte do princípio do Rio de Janeiro como uma cidade que reflete as africanidades.

Quadro I – Algumas das referências para a discussão da dimensão espacial do evento racial

Continua...

Muquifu	Igreja das Santas Pretas	A obra foi elaborada por várias pessoas, dentre elas Mauro Luiz da Silva e o artista Cleiton Gos. O livro é um compilado explicativo das cenas religiosas pintadas na capela Maria Estrela do Amanhã, destacando mulheres que foram honradas por essas obras e residentes da Vila. Além disso, o livro mostra a história de construção do espaço a partir da luta de várias mulheres. O Muquifu não apenas é mostrado como um ponto de encontro e de sociabilidade, mas também representa um lugar que, em sua origem, foi estigmatizado e segregado. No entanto, a partir da leitura, foi possível tecer reflexões sobre a importância da vida dos moradores e seus destaques na construção desse espaço.
<b>MÍDIA DIGITAL: PODCAST</b>		<b>DEBATE PROPOSTO</b>
Mano Brown	Mano a mano - Brown entrevista Sueli Carneiro	Nesse episódio, Sueli mostra como o racismo é uma ideologia que produz privilégio para uns grupos em detrimento de outros, e é isso que organiza a existência das pessoas pretas. Para Sueli, “a periferia é uma expulsão da gente de várias áreas. Valorizou, negrada cai fora.”. Além disso, eles discutem sobre o mito da democracia racial: “É aquilo: a gente fala que não tem racismo e eu faço de conta que acredito. Enquanto isso funcionar, ninguém vai brigar. não vai ter problema racial, então não vai ter por que conversar”.
Atualize-se Podcast	O Rio de Outros Carnavais, com Luiz Antônio Simas	Nesse episódio, Luiz Antônio Simas diz que “não tem como falar sobre o Rio de Janeiro sem falar da África, principalmente no aspecto cultural.” Ele argumenta que o Rio de Janeiro é uma das quatro grandes cidades efetivamente negras no Brasil, devido aos ciclos da escravidão. Simas é historiador e estuda sobre a cultura de diáspora. Segundo ele, “toda diáspora fragmenta, aniquila laços de pertencimento, destrói comunidade, quebra laços comunitários... A diáspora é um fenômeno de aniquilação simbólica. Ela desagrega. Ela destrói laço de pertencimento e toda cultura de diáspora altera na reconstrução daquilo que foi desagregado. Não tem cultura de diáspora que não seja comunitária. O fundamento da cultura diaspórica é o da reconstrução de laços de sociabilidade, de identidade, de rede de proteção social que foram aniquilados pelo fenômeno diaspórico.”
Pauta Pública	Brasilidade e encantamento, com Luiz Antônio Simas	Simas tece uma discussão sobre o “Brasil institucional”, e como a institucionalidade vive em guerra com a brasilidade. Como projeto oficial de estado nação, fundado dentro de uma estrutura colonial para excluir, é possível afirmar que existe uma tensão por parte da instituição com esse conjunto de elaboração de sentidos para o mundo fundamentado em “culturas de fresta”, que seriam as brasilidades. Ele diz: “Imaginando que o Brasil seja um muro e a brasilidade vai se constituindo nas frestas, nas fissuras. Essas brasilidades resistem, mas elas também negociam. Então há acordos e negócios entre o Brasil e as brasilidades. Vez ou outra o Brasil se aproxima das brasilidades, de maneira genuína, ou então de uma perspectiva domesticadora, controladora e romantizadora.”
<b>MÍDIA DIGITAL: MANCHETE DE IMPRENSA</b>		<b>NOTÍCIA DIVULGADA</b>

Quadro I – Algumas das referências para a discussão da dimensão espacial do evento racial

Conclusão

<p>BH 126 anos: conheça a história de moradores e operários que foi apagada para dar lugar à nova capital de Minas. (g1, em 12/12/2023)</p>	<p>A notícia evidencia que o antigo Curral del Rey e atual Belo Horizonte, em seus primórdios, desapropriou centenas de famílias para que a cidade “moderna” fosse erguida. A notícia contribuiu para o entendimento de autores utilizados como referência, que elaboram ideias sobre o apagamento das pessoas pretas e originárias nesse território por ideais higienistas da Comissão Construtora da Nova Capital.</p>
<p>Após 100 anos de proibição, congado volta a ocupar igrejas católicas de Belo Horizonte (g1, 10/08/2023)</p>	<p>A notícia revela o congado como uma cultura proibida pela igreja católica em Belo Horizonte por mais de 100 anos, demonstrando que dentro da instituição “igreja”, culturas de origem africana não tiveram espaço e foram negadas. A notícia contribuiu para o entendimento de que a cidade foi estruturada e pensada para um certo tipo de cultura.</p>
<p>Largo do Rosário: o patrimônio que BH quase apagou da história (Estado de Minas, em 08/10/2023)</p>	<p>“Quando o Largo do Rosário recebeu o título de patrimônio cultural foi como se o município estivesse dizendo, em outras palavras, que reconhece o passado, essa história e essa dívida com o povo negro. Uma forma de reparação histórica”, comenta Marco Antonio Silva.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras

As referências supracitadas me deram a noção do aparato teórico e metodológico já disponível sobre o tema (é importante ressaltar que o acervo da pesquisa não se restringe ao quadro acima, neste quadro encontram-se referências substanciais). Nas subseções seguir, pretendo detalhar minha experiência universitária nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, proporcionadas desde a minha vinculação ao projeto.

### 3.1 Tópicos em Estudos Sociais - Expressões espaciais das relações raciais: ensino

A disciplina com o mesmo nome do projeto buscou, como prática social para a formação cidadã e com rigor científico para formação acadêmica, a análise das relações raciais a partir de uma leitura espacial, com o objetivo de acomodar e avançar os temas antirracistas nos estudos urbanos favorecendo a construção de argumentos embasados em leituras bibliográficas disponibilizadas para os debates em sala de aula. Cursar essa disciplina foi crucial, pois pude relacionar os conteúdos pedagógicos com próximos trabalhos no projeto, a imersão no Muquifu e a organização da ação *Ocupamos*. Além de aprender sobre as teorias clássicas e contemporâneas do racismo



estrutural na sociedade urbana, essa disciplina se tornou uma inflexão na minha jornada acadêmica e um objetivo pessoal em aprofundar o assunto. Ao compreender melhor o que os teóricos e artistas falam sobre o evento racial, vejo que é como se eu tivesse adquirido ferramentas fundamentais para enfrentar situações de racismo, mas agora de forma robusta e fundamentada. Se o racismo é institucionalizado e capaz de criar moldes para a vida das pessoas negras, a luta contra esse sistema deve partir de instrumentos capazes de criar caminhos para a emancipação, por meio do envolvimento coletivo e consciente.

Além disso, identifiquei que as referências que existem para embasar o debate antirracista são diversas. Como atividade de avaliação, fomos desafiados a desenvolver o que a professora nomeou de “arquitetura reflexiva”, que consistia em elaborar, a partir de um texto e uma temática específica, uma conexão de ideias para serem debatidas em aula. Três eixos temáticos foram abordados: racismo, violência e cidade, cada um deles associado a um conjunto de textos de referência. A partir do texto *As cidadanias mutiladas* (1996), de Milton Santos (autor que já tinha estudado antes, mas ainda não conhecia seus textos sobre o tema racial), dentro do eixo racismo, construí a ideia de que o indivíduo que é reconhecido pelo corpo, e por este também segregado, perde as condições mínimas de cidadania e tende a experimentar o perverso processo de desumanização, mesmo que não mais escravizado. Pois, para o autor, um indivíduo só é considerado cidadão se ele tem acesso pleno aos seus direitos. Esse raciocínio também apareceu na obra dos Racionais MC's, na música *Negro Drama*, os artistas denunciam:

Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia / Que sobrevivem em meio às honras e covardias / Periferias, vielas, cortiços / Você deve tá pensando / O que você tem a ver com isso? / Desde o início, por ouro e prata / Olha quem morre, então / Veja você quem mata / Recebe o mérito a farda que pratica o mal / Me ver pobre, preso ou morto já é cultural (Racionais mc's, 2002).

Diante dessas reflexões, a leitura racializada do espaço torna-se indispensável quando consideramos os processos que estruturam e organizam o espaço urbano no

Brasil. Essa abordagem se revela especialmente relevante para mim, proveniente de um curso voltado para o turismo na cidade e a promoção de atividades que, muitas vezes inadvertidamente, contribuem para a manutenção do mito da democracia racial. Após cursar a disciplina, me vi imbuída de reflexões sobre o turismo ser um campo que reconheça e leve em conta a complexidade da cidade, incluindo sua dimensão racial, não apenas na promoção de atividades de lazer, cultura e economia criativa, mas como instrumento da luta antirracista na agenda urbana.

### **3.2 Muquifu: acervo e campo**

O Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos, o Muquifu, foi inaugurado em 2012, sendo um projeto idealizado pelo padre e cientista político Mauro Luiz da Silva e moradoras da Vila Estrela, em Belo Horizonte (Figura 4). O museu é fruto de enfrentamentos e lutas decorrentes desde 1960, onde um grupo de mulheres negras e pobres de um conjunto de favelas, mobilizaram-se para a manutenção da Capela Maria Estrela da Manhã, também conhecida como Igreja das Santas Pretas. As lutas se deram diante do processo de segregação socioespacial institucionalizada, oriundo de políticas oficiais de segregação racial presentes na fundação de Belo Horizonte, no contexto republicano e pós-abolicionista (Alves, 2019). Assim, o museu surgiu com o objetivo de revelar o contrário da condição do surgimento da cidade: a representação das favelas belorizontinas e da presença negra no território com memória, afeto e fé.<sup>3</sup>

O Muquifu tem dois andares com diversos ambientes expositivos. Dentre eles, no primeiro andar, logo após a entrada, destaca-se a Capela Maria Estrela da Manhã (Igreja das Santas Pretas), com 14 mulheres negras moradoras da Vila Estrela, sendo retratadas através de pinturas: 7 dores e 7 alegrias de Maria. Ainda nesse andar os visitantes podem ter contato com o ambiente dedicado aos objetos biográficos de moradores e moradoras do Morro e o quartinho de empregada<sup>4</sup>, que narra a história de moradoras do Santa Lúcia que trabalhavam ou trabalham como empregadas

<sup>3</sup> Igreja das Santas Pretas, MUQUIFU, 2022.

<sup>4</sup> A exposição permanente se chama "Doméstica: da escravidão à extinção - quarto de empregada e presente de patroa", e tece uma crítica ao quarto pequeno destinado a preservar objetos obsoletos dos patrões e, ao mesmo tempo, servir de dormitório para as trabalhadoras domésticas. Foi curada por Samanta Coan a partir de sua pesquisa de pós-graduação.

domésticas. No segundo pavimento, destaca-se a homenagem à Dona Marta, rainha Conga e moradora da Vila Estrela, e à religiosidade expressiva do congado em Minas Gerais, entre outras exposições igualmente significativas.

Figura 4 – Entrada do Muquifu, Vila Estrela, Aglomerado Santa Lúcia, Belo Horizonte (2022)



Fonte: <https://portalbelohorizonte.com.br/o-que-fazer/arte-e-cultura/muquifu-museu-dos-quilombos-e-favelas-urbanos>

Considerando o Muquifu como ambiente de promoção, conservação e divulgação de cultura e arte, as visitas ao museu me permitiram um olhar da cidade marcado pela presença negra jamais revelada pelas instituições administrativas: um espaço de resistência, valorização da vida e história dos moradores favelados, que também contam a história da formação de Belo Horizonte muito além do planejamento tecnicista. Ao acompanhar a mediação do grupo educativo do museu, em visitas guiadas, os visitantes são postos em contato com a grandiosidade que cada pessoa representada na história da comunidade Vila Estrela, e assim, acessam a memória negra e periférica por meio da arte, da coleção de objetos do acervo museal, dos

relatos mantidos como registro documental que reconstituem a sociabilidade negra como parte da sociabilidade urbana (Simas, 2019).

Partindo do pressuposto de que as cidades brasileiras foram moldadas pela institucionalização do racismo (Santos, 2018), suas geografias, lugares e espaços são profundamente marcados por distinções sociais que relegam o “lugar do negro” a uma posição distante e segregada dentro da cidade. Segundo Andreilino Campos (2005), esse distanciamento é estruturado na formação das favelas, consideradas uma “transmutação do espaço quilombola”, que “representava para a sociedade republicana o mesmo que o quilombo representou para a sociedade escravocrata” (p. 64) - um espaço de resistência estigmatizado e segregado. No entanto, minhas visitas ao Muquifu proporcionaram uma perspectiva diferente da noção de periferia como um território apartado, separado e negado à cidade, mas como uma espacialidade repleta de conteúdos em disputa e memórias explícitas.

A existência do Muquifu como um dos primeiros museus dedicados a preservar e divulgar as memórias dos moradores da comunidade sob suas próprias perspectivas me trouxe observações que, em geral, não tenho a chance de refletir, como decolonialidade, cultura, interculturalidade crítica e educação, bem como, a importância da memória coletiva, individual e social – e os processos de apagamento, constrangimento e censura. Os objetos expostos, como fotografias, imagens, utensílios, objetos biográficos e peças pessoais e de instituições que marcaram presença no Morro são testemunhos tangíveis dos diferentes interesses e dos agentes que se articulam, se enfrentam e se desprezam na luta pelo espaço urbano.

Como aponta Santos (2018), “[...] a segregação, que se materializa na formação de bairros e comunidades, gera também outras expressões espaciais [...]” (p. 19). Simas (2019) define como “cultura de frestas” ou “culturas de diáspora”: se toda diáspora desagrega e destrói laços, a cultura da diáspora tenta recuperar aquilo que foi apagado e desagregado. Nesse sentido, em Belo Horizonte, o Muquifu emerge como uma expressão espacial da diáspora que espelha cultura, resgatando a memória coletiva e as vivências de moradores periféricos, reconstruindo um sentimento de

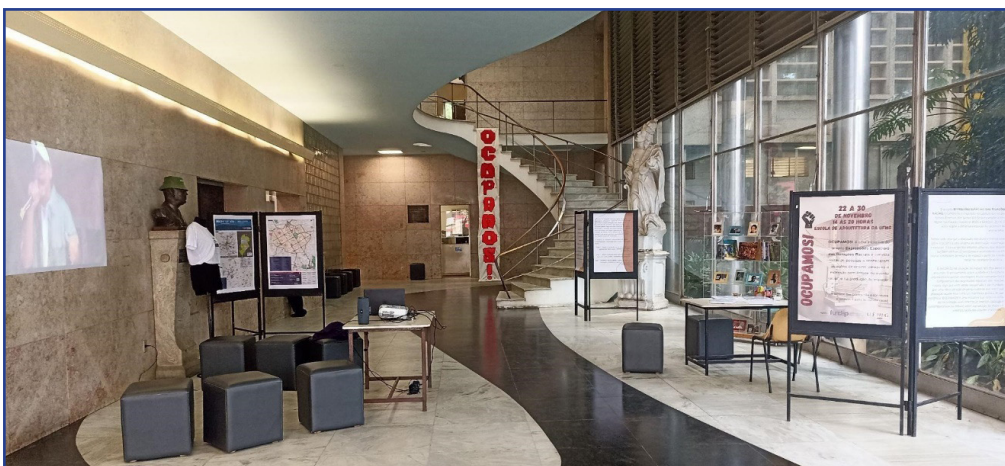
pertencimento à coletividade presente. A oportunidade de explorar esse campo durante meus estudos permitiu-me analisar Belo Horizonte a partir do evento racial.

### 3.3 Ocupamos: produção e divulgação

Entre os dias 22 e 30 de novembro de 2023, no *hall* de entrada da Escola de Arquitetura, organizamos a ação *Ocupamos*, que teve como objetivo colocar em pauta o tema da racialidade, suas referências teóricas clássicas e contemporâneas no debate sobre a produção do espaço e a estruturação das cidades brasileiras ao alcance de toda a comunidade acadêmica e externa. Essa iniciativa foi uma oportunidade de colocar o debate sobre a racialização do espaço para além da sala de aula. O termo “ocupamos” abarca tanto a dimensão presencial da população negra nas instituições públicas de ensino superior<sup>5</sup> (50,3%, segundo o IBGE, em 2018), quanto o que vimos trabalhando no projeto sobre a apropriação dos conceitos e teorias do evento racial na compreensão da produção do espaço e análise da sociedade urbana brasileira: nós nos ocupamos desse tema!

A mostra foi concebida para compartilhar os três pilares universitários (ensino, pesquisa e extensão) contemplados no projeto, organizada em três seções ou núcleos expositivos, contendo instruções de interação e explicações sobre a proposta (Figura 5).

Figura 5 – *Hall* de entrada da Escola de Arquitetura da UFMG (2023)



Fonte: autoras

<sup>5</sup> “Pela primeira vez, negros são maioria no ensino superior público”. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/pela-primeira-vez-negros-sao-maioria-no-ensino-superior-publico#:~:text=A%20propor%C3%A7%C3%A3o%20de%20pessoas%20pretas,50%2C3%25%20em%202018>. Acesso em 09 de março de 2024.

### 3.3.1 Ensino

No âmbito do ensino, a iniciativa teve uma seção específica destinada à apresentação dos programas das edições do curso *Tópicos em Estudos Sociais: expressões espaciais das relações raciais* (2022.2, 2023.1 e 2023.2), textos impressos e dispostos em pastas, livros para que fossem consultados em uma sala de leitura montada nas dependências da EA. Essa seção foi projetada para fomentar o público ao debate racial, inclusive, a partir de uma interação com os teóricos de referência, por meio de uma estante com fotos e *QR Codes*<sup>6</sup> que mostravam notícias, obras, projetos, entrevistas, dentre outras ações desenvolvidas pelos intelectuais (Figura 6).

A filósofa e ativista Sueli Carneiro, em entrevista ao Mano Brown (2022), *rapper* e doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), reiterou como o racismo é um sistema que produz privilégio para alguns grupos em detrimento de outros, sendo organizado e fundante para a existência das pessoas pretas. Logo, a batalha contra a estrutura racista na qual estamos imersos requer luta permanente rumo à emancipação coletiva. Isso implica não só uma atuação antirracista, mas também a apropriação do debate racial por todos e em todo lugar, inclusive no ambiente universitário.

Figura 6 – OCUPAMOS: seção de ensino (2023)



Fonte: autoras

<sup>6</sup> Na estante foram exibidos: Abdias do Nascimento; Andreilino Campos; Renato Emerson dos Santos; Mauro Silva; Milton Santos; Mano Brown; Ynaê Santos; Flávia Rios; Josemeire Alves; Angela Davis; Kabemgele Munanga; Sueli Carneiro; Luiz Antônio Simas; Gabriela Leandro; Lélia Gonzalez; Nei Lopes e Conceição Evaristo.

### 3.3.2 Pesquisa

No âmbito da pesquisa, a iniciativa apresentou a problemática da turistificação da cidade de Belo Horizonte, destacando como o consumo dos bares e os efeitos da chamada “democracia racial” estão presentes nas ações de planejamento e gestão urbanas e na atividade turística. Exploramos a relação entre a imagem de Belo Horizonte como “capital dos bares” e os processos de periferização, espoliação e segregação, que concorrem com os circuitos de entretenimento na cidade, especialmente nas regionais Centro-Sul e Pampulha. Um manequim vestido com uma blusa com a frase “já que Minas não tem mar, vamos para o bar”, apresentava a pesquisa ao público (Figura 7). Os circuitos turísticos nos mapas expostos em cavaletes, propunha uma crítica ao consumo do espaço (preço pago pelo seu valor de troca) em detrimentos da experiência urbana emancipatória.

Figura 7 – OCUPAMOS: seção de pesquisa (2023)



Fonte: autoras

Dessa forma, sendo o turismo um “produto da sociedade urbana” e sendo o urbano “mais que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir [...]” (Pimentel; Castrogiovanni, 2016), o percurso buscou fazer com que o turismo belo-horizontino fosse percebido como uma atividade focada na promoção de estabelecimentos de consumo individual (especialmente bares) e contemplação da normatização espacial (complexos arquitetônicos).

Além de participar da organização da ação, tive a oportunidade de monitorar o expediente e tomar nota das reações e interações do público visitante, bem como estar disponível para compartilhar ideias e relatos com os mais entusiasmados. Foi notável o desconhecimento, por parte do público, da relação entre turismo, racialidade e cidade. A hipótese que foi possível levantar a partir da experiência na ação foi de que as práticas turísticas estão intimamente relacionadas as dinâmicas de produção da cidade como espaço cada vez mais precificável. Outra hipótese possível é a de que o próprio discurso da administração pública municipal, ao mesmo tempo que exalta a narrativa sobre a mineiridade como valor cultural e turístico, consagra a diversidade como elemento potencial à agenda urbana de Belo Horizonte. Disso decorre o questionamento sobre como o mito da democracia racial concorre para distensionar as expressões espaciais das relações raciais, pois o que guarda a mineiridade de memória negra? Ou que conteúdos da diversidade estão selecionados no portfólio da mineiridade? A Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte (Belotur), em seus guias e outros materiais promocionais escolhe cuidadosamente quais aspectos da cidade e da sua história estarão disponíveis para aqueles que praticam turismo, isto é, há uma escolha institucional sobre a cidade que se quer mostrar e sobre a história que se quer contar para os que a consomem.

### 3.3.3 Extensão

No âmbito da extensão, a ação *Ocupamos* fez menção à parceria estabelecida com o Muquifu, tanto apresentado a *Oficina Impressões e Discussões*, quanto promovendo-o como uma instituição permanente de pesquisa, conservação, interpretação e exposição



sobre o evento racial em Belo Horizonte. Na ação, um ambiente de mídia deu lugar a apresentações em audiovisual de documentários, músicas e entrevistas temáticas.

Esta seção trouxe um acervo artístico e cultural amplo e específico sobre o tema da racialidade para interagir com os participantes e aprimorar a comunicação acadêmica e divulgação científica com a comunidade externa, acomodando o debate em diferentes percepções e sentidos (Figura 8). O objetivo principal foi ampliar as referências para além do léxico teórico-conceitual sobre o tema racial e permitir uma comunicação criativa com uma discussão, há tempos, posta ao debate público e que agora avança inadiavelmente nos estudos urbanos. O destaque foi dado as obras dos *rappers* Mano Brown e Emicida, cujas músicas e documentários exploram a racialização do espaço, a forma urbana periferia e os dispositivos sociais de enfrentamento ao racismo ou de total conivência com os horrores de suas práticas, com destaque para o papel do Estado.

Figura 8 – OCUPAMOS: seção de extensão (2023)



Fonte: autoras

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou refletir sobre as práticas pedagógicas e experiências docente e discente no ensino superior a partir das atividades e ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no âmbito do projeto institucional Expressões espaciais das relações raciais, na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. A constatação que este esforço reflexivo nos permite chegar é que a prática pedagógica requer intensa aplicação de recursos didáticos em todos os níveis de educação, inclusive no universitário.

Em seu livro *Ensinando pensamento crítico*, Bell Hooks (2020), lista e elabora 32 ensinamentos acerca da prática pedagógica dentro e fora da sala de aula. Os relatos aqui reunidos, nos permitem destacar três: descolonização (ensinamento 4), colaboração (ensinamento 7) e o prazer da leitura (ensinamento 22). O conhecimento é feito de contestação e descolonizá-lo tem sido um esforço coletivo com grandes mudanças em seu caráter formativo e sistematizador. Esta professora e esta aluna, enxergam sua prática de ensino e sua formação acadêmica conectadas às lutas por justiça social, o que nos permitiu recorrer uma à outra para viabilizar o projeto proposto nos termos do edital que o contemplou e trazer à público as reflexões sobre sua execução, contando com a gentileza dos leitores e mediadores para avaliação e crítica. O conjunto de referências bibliográficas do projeto foi experimentado tanto no contexto da sala de aula, quanto no ambiente de leitura predileto da professora e da estudante bolsista, também colocado à disposição da comunidade interna e externa a qual foi possível alcançar com as ações propostas. Sorte nossa não ter a leitura censurada com arroubos autoritários de racistas desinibidos que, enquanto produzíamos este texto, saíram em perseguição implacável contra o escritor Jeferson Tenório e seu premiado livro *O avesso da pele*. Nossa solidariedade ao autor e aos estudantes que tiveram o prazer da leitura constrangido pelo racismo.

O tema da racialidade está posto. No ensino superior, inclusive. Ministras aulas que o curricularizem não é um mérito da autonomia docente ou um anseio do entusiasmo estudantil, é um direito do corpo discente e um compromisso com a sociedade.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio e o fomento da Fundação de Apoio à Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (Fundep/UFMG).

A receptividade do Padre Mauro Luiz da Silva, curador do Muquifu.

A apreciação e comentários de Adriana Dantas, professora do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (ADF/FE/USP).

## REFERÊNCIAS

**Atualize-se Podcast:** Rio de outros carnavais com Luiz Antônio Simas. Entrevistadores: Aluísio Júnior e Augusto Neto. Entrevistado: Luiz Antônio Simas. [S. l.]: Estúdio Teca, 19 dez. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7GAvNyVAEd2ozBATPEOnS2?si=>. Acesso em: 07 mar. 2024.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

CAMPOS, Andrelino. **Do quilombo à favela:** a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

EMICIDA. Prefácio. *In*: ROLNIK, Raquel. **São Paulo:** o planejamento da desigualdade. São Paulo: Fósforo, 2022. p. 4-15.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. A democracia racial revisitada. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 60, 2019. doi: 10.9771/aa.v0i60.36247.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

LEANDRO, Gabriela. **Direito à cidade e questões raciais**. Coletiva, Recife, n. 24, p. 1-10, fev/ mai. 2019. Disponível em: <<https://www.coletiva.org/dossie-direito-a-cidade-n24-direito-a-cidade-e-questoes-raciai>>. Acesso em: 9 mar. de 2024.

MANO A MANO - Brown entrevista Sueli Carneiro. Entrevistador: Mano Brown. Entrevistada: Sueli Carneiro. São Paulo: Spotify, 29 dez. 2022. **Podcast**. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrjmog0RkUnCPr>>. Acesso em: 07 mar. 2024.

MISSE, Michel. Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil: uma abordagem crítica, acompanhada de sugestões para uma agenda de pesquisas. **Série Estudos**, n. 91. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1995.p. 23-39.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUQUIFU. **Igreja das Santas Pretas**. Belo Horizonte: Muquifu, 2022.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3 ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

PIMENTEL, Maurício; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. O urbano e o turismo: uma construção de mão dupla. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre. v. 43, n. 2, p. 81-105, 2016.

RACIONAIS MC's. **Negro drama**. São Paulo: Boogie Naípe, 2002.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. O Ensino do Planejamento Urbano e Regional: propostas à ANPUR. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. L.], v. 4, n.1/2, p. 63-74, mai./nov. 2002.

SANTOS, Milton. As cidadanias mutiladas. *In*: LERNER, Julio. **O preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996. p. 133-144.

SANTOS, Renato Emerson dos. Expressões espaciais das relações raciais. *In*: BARONE, Ana; RIOS, Flavia. (Orgs). **Negros nas cidades brasileiras (1890-1950)**. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2018. p. 77-96.

SANTOS, Ynaê, Lopes dos. **Racismo brasileiro**: uma história de formação do país. São Paulo: Todavia, 2022.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 10 ed. Rio de Janeiro; Civilização brasileira, 2019.

SPYER, Juliano. A religião mais negra do Brasil. *In*: SPYER, Juliano. **Povo de Deus**: quem são os evangélicos e porque eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020. p. 141-150.

## Contribuições de autoria

### 1 – Helena Szabo Góes Corrêa

Universidade Federal de Minas Gerais, graduanda em Turismo  
<https://orcid.org/0009-0007-7392-2080> • [helenaszabo81@gmail.com](mailto:helenaszabo81@gmail.com)  
Contribuição: Escrita - primeira redação

### 2 – Juliana Luquez

Universidade Federal de Minas Gerais, doutora em Geografia Humana  
<https://orcid.org/0000-0002-8761-9556> • [julianaluquez@gmail.com](mailto:julianaluquez@gmail.com)  
Contribuição: Escrita - revisão e edição

## Como citar este artigo

CORRÊA, H. S. G.; LUQUEZ, J. Formação acadêmica e cidadã práticas pedagógicas e relatos de experiência em ensino superior na Escola de Arquitetura da UFMG. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 28, e87708, 2024. Disponível em: 10.5902/2236499487708. Acesso em: dia mês abreviado ano.